

Tribo indígena teme acidente nuclear

A aldeia dos guarani-mbias está perto da Usina de Angra, no Rio, e índios temem sofrer as conseqüências de um vazamento de radiação

RIO (AE) — A maior tribo indígena guarani-mbya do Brasil teme ser esquecida em caso de acidente em uma construção erguida pelo homem branco a apenas oito quilômetros da aldeia: a Usina Nuclear de Angra dos Reis, no sul fluminense. Embora não tenham a menor idéia sobre o que é o reator nuclear de Angra 1 nem as conseqüências de um vazamento de radiação, os 401 mbyas da aldeia Sapukai confiam apenas em seu deus, Nhanderu, para protegê-los se ocorrer algum problema no “engenho do homem branco”, como se referem à usina.

A preocupação dos mbyas está expressa em um relatório elaborado pelo Corpo de Bombeiros a partir de visita à aldeia realizada em outubro por integrantes da corporação e representantes da Defesa Civil, Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (Feema), prefeitura de Angra e um engenheiro especialista em desastres naturais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Um dos trechos do documento — encaminhado à Secretaria de Segurança Pública do Rio — sintetiza a desilusão dos índios: “acredita-se na aldeia que, em qualquer emergência que envolva os brancos, os índios seriam esquecidos”.

Dificuldades do idioma — O relatório assinala também que, “com relação à presença da usina nuclear bem próxima à aldeia, os líderes têm consciência do problema e uma noção vaga do risco, mas não esperam ser lembrados em caso de contaminação do meio-ambiente”. A preocupação dos mbyas decorre principalmente do fato de que quase todos na aldeia só falam a língua original indígena, o tupi-guarani — apenas os líderes entendem o português —, e das dificuldades de acesso ao local.

A aldeia fica numa área de pouco mais de 2,1 mil hectares na Serra da Bocaina, na localidade de Bracuhy, a cerca de 30 quilômetros do centro de Angra dos Reis. Para chegar ao local, é necessário percorrer, a partir da

Há dois meses, os bombeiros vêm tentando se aproximar dos índios para ganhar a confiança deles

Rodovia Rio-Santos, cinco quilômetros de uma estrada de terra completamente esburacada, em ladeira íngreme, por onde apenas veículos com tração nas quatro rodas conseguem passar. Em dias de chuva, a aldeia fica praticamente ilhada, já que até mesmo os veículos com essa característica têm dificuldades para chegar ao local.

Foi justamente em virtude destas duas barreiras — cultural e geográfi-

ca — que a aldeia ficou de fora das três simulações realizadas até hoje na região para preparar população e autoridades para o caso de um acidente nuclear. As operações, que serviram para a elaboração do Plano de Emergência da Usina Angra 1, foram coordenadas pela Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência (SAE) da República e envolveram vários órgãos governamentais.

O plano prevê a notificação de toda a população residente num raio de até 15 quilômetros a partir da usina, mas a aldeia indígena não recebeu nenhum comunicado das autoridades durante as simulações. De acordo com o comandante do Corpo de Bombeiros de Angra dos Reis, tenente-coronel Carlos da Silva Ortiz, a falha será corrigida no próximo exercício de simulação, que deverá ser realizado em meados do ano que vem.

Segundo Ortiz, que também é responsável pela Coordenação Operacional de Emergência Nuclear, embora a aldeia não esteja situada na área con-

siderada crítica — região compreendida num raio de cinco quilômetros a partir da usina, cuja população teria de ser totalmente removida em caso de acidente —, os índios terão prioridade nas atividades de aperfeiçoamento do Plano de Emergência em 1998. O relatório, assinado pelo próprio Ortiz, cita, numa referência à aldeia, que “dada a sua localização de difícil acesso e a sua cultura, foi visualizada como prioridade”.

Para que a aldeia Sapukai comece a receber orientações sobre os perigos da usina, os bombeiros iniciaram um trabalho de aproximação com os mbyas há dois meses, com o objetivo de conquistar a confiança dos índios, normalmente avessos à presença de “juruás” (“homens brancos”, em tupi-guarani) na aldeia. Pelo menos uma vez a cada 15 dias, uma equipe de bombeiros vai ao local levar para os índios mantimentos, roupas e artigos de necessidade recolhidos em campanhas com os moradores de Angra dos Reis.

14/12/97
A crítica
C-8